

Segunda Manhã de Abril

A força do meu berro,
Que na verdade nem minha voz é.
É formada por um coletivo,
Coletivo de vozes, ideias e sonhos.
Quem dera fossem aqueles que compramos nas padarias!

A fome que sinto,
Mesmo fazendo parte da classe da barriga cheia
E dos bolsos dobrados cheios de dobrões,
É a fome que fica pela falta de palavras ditas.
Por tanto ser obrigado a engolir sapos e rãs

A cegueira,
Que vê com seus olhos pálidos
Uma variedade de terrores
Protegidos pelo véu da doença.
Que de maneira interessante é hereditária.

A surdez,
Impedindo-me de escutar as palavras,
Que diferente das que ouço,
Tem um sentido e não apenas letras
Soletradas em uma ordem pré-definida

A sensação da pele imunda,
Suja pela lama, pelo barro e pelo sangue
Já incrustado na derme.
De forma a me proteger, como uma couraça,
Dos ataques realizados pelos que não concordam.

E por último,
A força do teu berro que vem do cano,
Com um estrondo de trovão,
Empurra em direção ao abismo

O dia que ontem fora o novo dia de amanhã.

(Pedro Martins Cruz de Aguiar Pereira – 3º ano do EM – turma 2304)